

Editorial

Na nossa Jornada Anual, realizada em agosto de 2024, comemoramos os 25 anos da Constructo, escolhendo uma forma especial de festejá-los: homenageando três grandes psicanalistas que nortearam nosso estudo e trabalho desde o início do roteiro que trilhamos na psicanálise e que convidamos outros a trilhar conosco na Constructo. Um campo extremamente rico que permitiu nos aproximarmos de uma psicanálise que faz sentido para nós.

1ª MESA: “Em Freud, os fundamentos”:

1. Como nos diz Silvia Skowronsky em “Os fundamentos em Freud. Psicanálise ainda hoje?”, a psicanálise nasceu com a descoberta do inconsciente e da sexualidade, um início bem conhecido por todos. Contudo, o ser humano é múltiplo e, ao mesmo tempo, singular, sendo impossível uma generalização pela variedade de alternativas e de desafios frente à teoria, frente ao método, assim como diante dos sujeitos que buscam a psicanálise para amenizar suas dores. Em seu texto, Silvia Skowronsky contextualiza essa trama tão complexa, com inúmeras interrelações, uma trama que tem em sua raiz um sem-número de conceitos, mas que, paradoxalmente, quase nos impossibilita pensar cada peça isoladamente. Essa rede vai gerando em cada espaço outras interrogações e outras respostas, ampliando esse lugar. Esse é o olhar com que Silvia vê a psicanálise e o resultado do trabalho maravilhoso de Freud, que durante 40 anos ocupou-se com a elaboração de fundamentos que sedimentassem os caminhos da psicanálise.

2. Em seu trabalho, intitulado “Em Freud, a fundação e os fundamentos”, Simone Accetta Groff comenta episódios da vida pessoal de Freud, correlacionando esses fatos com a construção de importantes etapas da edificação de sua obra. A autora assinala a fértil curiosidade infantil do Freud menino como um dos fatores de seu sucesso nas descobertas psicanalíticas. Por exemplo, a transformação do menino curioso em psicanalista seria explicada por sua atração pela pesquisa e pelos livros. Traçando um certo roteiro biográfico, Simone também se refere à participação dos interlocutores de Freud em sua produção científica: Breuer, Fliess, Pfister e Lou Andreas-Salomé. Segundo a autora, Freud vive, a partir do final da década de 1890, um momento muito fecundo em decorrência das descobertas que faz através de sua autoanálise e da publicação de *A interpretação dos sonhos* e *Três ensaios sobre a sexualidade*, que também determinam avanços radicais em seus estudos sobre a sexualidade infantil e as atividades autoeróticas.
3. Em “Narcisismo e masoquismo: corte e abertura para uma metapsicologia das origens”, Ignácio Paim parte do texto freudiano *Introdução do narcisismo* (1914) para assinalar as modificações ocorridas a partir de sua publicação, tais como a libidinização das pulsões do autoconservativo, a nova metapsicologia da constituição do eu, a nova ação psíquica para a saída do autoerotismo, a vinculação do narcisismo primário com as figuras parentais e o romance familiar edipiano a partir de narcisismo e Édipo em sua estruturação. Na sequência, o autor propõe um encontro metapsicológico entre narcisismo e masoquismo e sugere que, com a introdução da pulsão de morte no seio do narcisismo, haveria um avanço metapsicológico com repercussões teóricas e clínicas, que ressoa de forma consistente na dinâmica estrutural da psique, no interjogo da libido da pulsão sexual *versus* a destrutividade da pulsão de morte.

2ª MESA: “Jean Laplanche e os novos fundamentos da psicanálise”:

4. Kenia Ballvé Behr, em “O primado do outro em psicanálise”, faz uma releitura do magnífico texto de Jean Laplanche, “A revolução copernicana inacabada”, escrito em 1992. Nesse artigo, o autor se propõe a abrir os tempos do originário, fazendo trabalhar as ideias freudianas relacionadas ao tema, ao mesmo tempo em que as coteja com seus “novos fundamentos para a psicanálise”. Inicialmente, a autora identifica e relaciona os descentramentos ocorridos na astronomia, a partir do embate de ideias entre Ptolomeu e Copérnico, e na psicanálise, em função da descoberta do inconsciente e do destino da teoria da sedução proposta por Freud, posteriormente abandonada por ele. Diante das oscilações de Freud entre as posições relacionadas com o espaço celestial, surgem hipóteses que poderiam justificar sua tendência ao autocentramento, associadas à ausência de percepção freudiana em relação a algumas descobertas. No entanto, embora sem anular essas suposições, Laplanche propõe pensar que o encerramento do sistema freudiano reitera a situação originária do ser humano, ao mesmo tempo copernicana e ptolomaica.
5. Em “Considerações críticas sobre a teoria tradutiva no recalque originário”, Paulo de Carvalho Ribeiro vai de encontro a um aspecto importante da teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche. Sendo caracterizado pelo autor como um trabalho crítico, torna-se evidente, logo de início, que a escrita se desdobrará em torno do exame da formulação laplancheana que atribui ao bebê o trabalho de tradução. O autor recorre à tese do narcisismo transvazante de Silvia Bleichmar para esclarecer que, de acordo com sua opinião, a primeira tradução, em tempos de autoerotismo, seria realizada pelo adulto e não pelo bebê. Ainda, Ribeiro declara que, ao entender o bebê como tradutor originário,

Laplanche estaria contrariando o próprio movimento copernicano, o que discute no item “Ego’ e ipsocentrismo”. Em “Teoria do apego e ipsocentrismo”, o autor discorre acerca dos efeitos da adoção da teoria do apego por Laplanche, que, consonante às suas considerações, incrementou certa recaída ptolomaica no desenvolvimento da teoria da sedução generalizada.

6. Para Luiz Carlos Tarelho, a discussão sobre a realidade psíquica, de certo modo, resgata a questão da relação entre a sexualidade e a tópica da clivagem, tendo em vista que Jean Laplanche concebe o inconsciente encravado como o espaço em que são inscritas as mensagens antes do processo tradutivo. A questão consistiria em saber qual pode ser o status da sexualidade nesse espaço. Em “A realidade psíquica e a tópica da clivagem”, Tarelho pensa na importância de reconhecer as mensagens no Eu-corpo, o que situa o corpo no centro do processo de constituição da pulsão, havendo um elo intermediário em relação ao enraizamento da pulsão no corpo: o autoerotismo. Surgem muitas questões relacionadas com este: O que diz Laplanche sobre isso? Qual o lugar tópico do autoerotismo? Seriam dois momentos na constituição da pulsão? A importância da interdição do autoerotismo sustentada pelo adulto seria uma exigência imposta ao processo tradutivo? Onde se situa a recusa? Por que a recusa? A recusa estrutural, associada à clivagem vertical, tem relação com uma realidade específica: o terceiro nível de realidade própria à sexualidade inconsciente?
7. O principal objetivo da “Entrevista com Luiz Carlos Tarelho” é dar continuidade a algumas questões desenvolvidas pelo autor em seu texto “A realidade psíquica e a tópica da clivagem”, publicado neste número da revista. Tarelho inicia comentando sua trajetória com Laplanche e, na sequência, detém-se nas respostas sobre os seguintes assuntos:

- O sentido da realidade psíquica como um terceiro domínio da realidade;
- Três formas diferentes da sexualidade no inconsciente encravado;
- Uma parte do autoerotismo pode escapar ao recalçamento originário.
- Constituição da recusa como mecanismo da clivagem;
- A relação do corpo com o psíquico nos remete a teorizações elaboradas por Dejours. Quais aspectos desses desenvolvimentos teóricos contribuem para a elaboração dos questionamentos que você vem realizando?

3ª MESA: “Silvia Bleichmar – o originário”:

8. Em “Silvia Bleichmar en el horizonte de lo originario”, Marina Calvo afirma que Silvia inundou a psicanálise com o tema das origens e do originário, daquilo que é fundante do psiquismo humano. Alertou para os impasses da prática e a insuficiência da teoria, a partir de sua busca incessante de respostas a esses questionamentos, assim como pensou o traumático em cada lugar e de cada ser humano, que tanto a sensibilizavam. Com o recorrido biográfico proposto por Marina, aproximamo-nos de uma psicanalista argentina que desde cedo mostrou seu interesse pela clínica com crianças. Silvia se ocupou com Freud, Klein e Lacan, detendo-se, depois, no encontro científico com Jean Laplanche. A partir daí, a psicanalista argentina defendeu sua tese de doutorado sob a direção de Laplanche, em um encontro de dois gigantes que gerou uma riqueza indiscutível para a psicanálise, não só em função das produções compartilhadas entre eles, mas também aos seus entendimentos díspares em relação a determinados temas, desentendimentos que serviram de suporte a importantes desenvolvimentos individuais. Da parte de Silvia, temos os excepcionais estudos sobre as patologias de fronteira, os avanços sobre o infantil, a

história vivencial e pulsional de cada paciente. Silvia se foi cedo demais, um sentimento compartilhado por todos que conviveram com ela, mas nos legou uma herança que continua vigente, sendo reconhecida pelos psicanalistas de todos os cantos! Como afirma Marina, “devemos evocá-la, trabalhá-la e deixá-la trabalhar através de sua obra!”

9. Raquel Moreno Garcia indica, já no título de sua fala, “Entre potência pulsional e defesas precoces: um vir a ser”, o que parece querer enfatizar sobre o pensamento de Silvia: o ser humano depende da potência e da possibilidade da pulsão para desconstruir defesas precoces que lhe permitam determinar sua capacidade de vir a ser. A partir daí, Raquel cita os temas fundamentais que, inseridos nos textos da autora, dão a ela a sustentação da trama a partir da qual constrói seu pensamento: o traumático, as primeiras inscrições, a importância da função ligadora e transvazante do outro na construção da matéria-prima do psiquismo, assim como dos tempos originários, das representações que rumam ao simbolismo e das representações fracassadas, que determinam as fixações ao exercício pulsional. Além disso, aborda o protagonismo do outro para a instalação das renúncias, daquilo que toma o estatuto do asco e impõe o pudor para a constituição das bordas do eu, através da ética do outro frente ao semelhante.
10. Facundo Blestcher inicia seu trabalho, intitulado “En los orígenes de la ética y la ética del psicoanálisis como compromiso”, citando Silvia: “No outro se alimentam não só nossas bocas, mas também nossas mentes. Junto com o leite deles, recebemos o ódio e o amor, nossas preferências morais e nossos valores ideológicos. O outro está inscrito em nós, e isto é inevitável”. Facundo afirma que a problemática da ética na obra da autora se desenvolve seguindo sua teorização do sujeito psíquico, articulando as condições de sua instalação nas ligações amorosas que, precocemente, organizam o enlace com o outro e sua consolidação

nas instâncias ideais, apoiando-se também no desmantelamento da subjetividade relacionado com o excedente de sofrimento frente a acontecimentos traumáticos sociais. Segundo Facundo, o sujeito ético se constitui, já nas origens, conforme Silvia, diante das renúncias ao gozo, em função do amor do outro, como uma forma de ceder ao autoerótico. O autor afirma que esse posicionamento a levou a revisar a problemática clínica e as categorias de perversão e de psicopatia, referindo-se, também, à diferenciação proposta pela autora entre ideal do eu e consciência moral, que permite uma articulação com a estrutura narcisista e com a instauração do supereu e a culpa. Voltando-se à ética na prática psicanalítica, Facundo assinala a contribuição de Silvia à ampliação da liberdade de dizer e de pensar, conquista atravessada pelo trabalho clínico na intensa luta contra as ligações imaginárias que aprisionam o pensamento.

Resgate histórico da Instituição Psicanalítica

Constructo:

11. Conferência de Silvia Bleichmar (1ª) proferida na fundação da Constructo, em 1999, em Porto Alegre. Por fim, compartilhamos com os leitores da revista uma das muitas inestimáveis contribuições de Silvia Bleichmar. Em sua conferência, a psicanalista argentina aborda diversos temas que permanecem relevantes na contemporaneidade.

Kenia Maria Ballvé Behr
Editora da Constructo Revista de Psicanálise